

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha da Tarde

Class.: Índios / Educação

Data: 19 de abril de 1983

Pg.: EDIR 0020

Índio alfabetizado critica ensino

Algumas cartilhas utilizadas na alfabetização dos índios, ensinam-lhes que "é feio urinar no mato". Embora talvez nada seja mais incômodo ao índio do que aprender a sentar-se num vaso sanitário e a acionar a válvula da descarga, este é um dos itens constantes na agenda de educação que lhes é ministrada por grupos missionários.

Um índio Tucano, do Alto Rio Negro, Alvaro Sampaio, cujo nome indígena é **Doéthiro**, e pertence à Comissão Pró-Índio, critica: "Aprendi a ler e a escrever, não porque soubesse o que estava fazendo. Parecia que eram melhores os que tinham mais condições de imitar. Esta é uma maneira de matar o espírito do índio — diz ele. Por isso somos mais traços. Não sabemos o que os brancos puseram na cabeça da gente". **Doéthiro** foi alfabetizado aos 9 anos. Hoje tem 30. E desabafa: "Até hoje não consegui realizar o que poderia ser. A educação que recebi de uma professora e não de meu pai, me ensinou só a ler e a falar o português."

Ele defende com veemência "o retorno do índio à própria identidade e abomina a alienação existente em certas lideranças", como fator primordial para a retomada de seu espaço. Não há dúvida que a demarcação de terras indígenas — hoje sob competência dos Ministérios do Interior e Assuntos Fundiários, segundo Portaria 002 de março último — se constitui no maior problema do índio. Mas a criação de um Estado indígena, proposta surgida no 28.º Congresso do Movimento Tradicionista Gaúcho (CTG) também não resolve segundo o jornalista Arruda Camargo, um estudioso no assunto e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

SÓ COMPLICARIA

Como colocar diferentes nações, aglutinando organização social, sistema econômico, mitos e lendas num único espaço?, pergunta ele. Como deixar terras onde enteraram seus mortos, por eles santificados? Isto é uma violência à sua pessoa, seus direitos e tradições — diz. Toda a tragédia do índio brasileiro teve sua origem no fato de não se saber, como ainda não se sabe, quem é ele, a não ser em círculos restritos. A definição mais correta, ainda segundo Arruda Camargo, é a de Darci Ribeiro: "Índio é a parcela da população que apresenta problemas de adaptação à sociedade brasileira, motivada pela conservação de costumes e hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana".

E pouca gente sabe que o indivíduo deixa de ser índio, no momento em que se desvincula de sua tribo e se transfere para uma comunidade civilizada, perdendo assim sua lealdade ao grupo originário". A visão sentimentalista — emocional e romântica — que se tem a respeito do indígena também não condiz com sua realidade. Oferecer-lhe roupas por nós usadas, por exemplo, se constitui em fator de contaminação para sua gente. "São transmissores de patologias altamente perigosas", relata o jornalista em seu estudo.

A bem da verdade, também os próprios jesuítas desconheciam o indígena, uma vez que não levaram em consideração "a variação de tribos e regiões, formação moral, etc., para alfabetizá-los. Este mesmo erro se verifica na atual política indigenista", explica.

A destruição do indígena dura 483 anos. Calcula-se que em relação ao ano de 1500, a população indígena brasileira foi reduzida em 50% ou mais, o que significa que se praticou em relação a ela uma política genocida". Uma série de atividades estão ocorrendo a partir de hoje, **DIA DO ÍNDIO**, até dia 24, no Sesc Pompéia, Rua Clélia, 193.